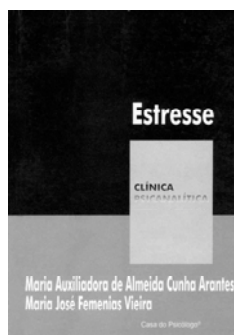


de trabalhadores. Nesse longo processo de seis décadas, assiste-se não apenas à transformação da forma de produção trazida pela mecanização, mas a *disciplinarização dos minerais da Vale, tornando-os ágeis, obedientes, produtivos e hierarquicamente organizados* (p. 148), identidade que se completa com o processo de automação.

A densidade dos 12 capítulos que constituem o núcleo narrativo desta saga de operários, com uma enorme quantidade de informações que tecem um emredo centrado nas trajetórias de um trabalho que acompanhou as transformações das relações sociais e econômicas da produção, é de difícil síntese. No parágrafo acima apontamos os três momentos que estão presentes nesse movimento de construção da economia capitalista e que se destacam nas próprias expressões desses operários: a “época do muque”, de 1945-1951, quando o trabalho é essencialmente manual e que começa a se reduzir em 1952, início da mecanização e também da criação de *formas de inculcação de uma cultura organizacional corporativa, nacionalista e colaborativa* (p. 88) e que a autora acertadamente denomina de “cultura de empresa” para distinguir da “cultura operária”. O terceiro momento – o da automação que se fez acompanhar de maior produtividade, na melhor qualificação de sua força de trabalho – trouxe, segundo os operários e técnicos, também um notável de envolvimento à empresa. Como diz o gerente geral, *Era uma empresa muito boa, privatizada melhorou ainda mais* (p. 316). Para Cecília, essa fase de reestruturação produtiva “contém algumas verdades e muitos mitos”. Transcrevo duas passagens que mostram a posição da autora diante desse processo. Em primeiro lugar, como Cecília entende a reestruturação produtiva, no quadro das profundas transformações objetivas ocorridas no mundo do trabalho, mas que se imbricam às mudan-

ças subjetivas: *À medida que realizei esta pesquisa, pude concluir que não há apenas um dispositivo poderoso responsável pela abertura opção de um cenário alternativo na mineração da CVRD. Há, sim, um conjunto sistêmico de chaves acionadas concomitantemente para a abertura progressiva de um novo mundo que surge* (pp. 316-317), no processo de acumulação capitalista. De outro lado, aponta que a “ideologização” do processo de mudança necessita ser visto tanto sob a perspectiva do “protagonismo dos empresários”, de um lado, e de outro, a dos operários como atores que *encontram formas de se proteger, de criticar e de defender os seus interesses* (p. 360). No processo mais amplo de situar o operário e seu contexto, Cecília não se limita a trabalhar a subjetividade operária, mas a objetiva no “chão da mina”, ela estende sua análise a todos os envolvidos no processo produtivo.

Nos capítulos finais, Cecília retoma a tese que defende ao longo do livro, a de que as relações de produção e reprodução somente podem ser entendidas como totalidade na qual estão imbricadas a vida social, política e econômica. Nessa totalidade, o mundo da mina é criado e recriado. Livro que é uma lição de sociologia, nasce como um exemplo de pesquisa e de texto. Nele não há ilustrações; as palavras são mais fortes que as imagens, aquelas que aprendemos a admirar nas fotos de trabalhadores dadas por Salgado. Mas, apesar disso, a minha imagem final destes comentários recorre a uma poesia que fala de uma foto. Há muitos anos, em *Confidência do itabirano*, Carlos Drummond de Andrade terminava o seu poema dizendo com muita tristeza: *Hoje sou funcionário público. Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas como dó!* Discordo do poeta. Itabira é muito mais que isso, e Cecília, com o seu trabalho, tirou a fotografia da parede e tornou a cidade parte importante da nossa História.



**Arantes MAAC & Vieira MJF. Estresse. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2003, 142p.**

*Luciôla de Castro D. da Silva*  
Instituto Fernandes Figueira, Fiocruz

Esta publicação, compactada em um pequeno volume, possui um conteúdo denso, expressivo, de relevância para a área da Saúde Coletiva, e que inclui a abordagem particular das relações entre trabalho, saúde e estresse, de real interesse para quem lida com o campo: a incidência do estresse é instigante, assim como a possibilidade de que, em algum nível, momentânea ou cronicamente, qualquer pessoa possa experimentá-lo, sofrer seus efeitos.

Este trabalho está dividido em Apresentação, Parte I (com quatro seções) e Parte II (com a quinta e última seção). Na breve Apresentação, Arantes (2003) se refere à abrangência da figura do estresse, com sua “circulação entre os saberes contemporâneos” (p. 13), prossegue com breve histórico dos estudos a respeito, idéias e caminhos percorridos por Selye – con-

siderado “o pai do estresse” – desde 1936; até adotar, de vez, o conceito, em 1952, como ficou estabelecido e cunhado, então, em termos de: *uma resposta inespecífica ou não específica do organismo aos agentes estressores* (p. 14)

A seção 1 (Parte I), Estresse ou Stress, assinala o que Selye chamou de “a síndrome de se sentir doente” como precursora da Síndrome Geral de Adaptação, constituída por três fases: fase (ou reação) de alarme; fase de resistência; fase de exaustão. Por sua vinculação com a psicanálise, Arantes busca em contrar articulações com ela, assinalando que: *incluir o estresse em uma coleção de Clínica Psicanalítica é, no mínimo, insólito* (p. 14), apontando autores da psicanálise que constituiriam referência para ela neste tema, a saber: Stora, Freud, Laplanche, Rocha, Spitz e Dejours, este com importante produção sobre trabalho/estresse, colocando a noção de uma “cidade psíquica”, na relação entre quem trabalha e o cliente. Nesta seção, são arroladas contribuições de Stora (1991), a respeito do que caracteriza o estresse, como seja: constituir o resultado da ação (pontual ou não)

de um agente físico (barulho, calor, frio), e/ou psicológico (perda, luto) e/ou social; constituir um conceito dinâmico, ao mesmo tempo interno e externo. Como Arantes destaca, os estudos sobre o estresse detêm o valor de ter estabelecido correlações que facilitaram pesquisas em vários campos: da medicina (como estresse-imunidade), do trabalho (com o conceito de estresse profissional, ocupacional), do social/ambiental (catástrofes naturais ou não; protótipo clássico – a guerra), havendo acordo a respeito das fases do quadro: impacto com choque; inibição/negação; ruminações repetitivas; recuperação progressiva; aceitação/começo de integração do acontecimento traumático. Muito material de pesquisa é referido sobre efeitos do estresse: de soldados de combatentes americanos (guerra do Vietnã/com depressão, distúrbios somáticos, etc.), até os de doentes graves, acompanhados de estudos de procedimentos psicoterapêuticos.

Observa-se, corroborando a própria autora, que o trabalho tem por proposta: *estabelecer uma aproximação entre a fase de resistência do estresse e o conceito de angústia, conforme uma lei da psicanalítica* (p. 30), e destacar a relação do estresse com o local do trabalho, indo além, considerando experiências e condições. E constatamos que neste livro a perspectiva da vertente psicanalítica aprofunda o tema, sem confiná-lo.

Na seção 2 (Parte I), Estresse, Desamparo e Angústia, Arantes se remete a investigações de Spitz, pediatra vinculado ao Instituto de Psicanálise em Nova York, como um dos primeiros a reconhecer as contribuições de Selye (1955/56), ao estudo do comportamento de bebês, assinalando o paralelo estabelecido por Spitz entre o modelo de Selye e o modelo de Freud – quanto à “defesa em relação ao perigo” – apontando também que Selye considerou os estressores emocionais, além dos físicos. Estas investigações de Spitz (por dois anos) foram referentes ao estresse emocional na infância (1º ano de vida), com bebês muito pequenos, na Casa da Criança Abandonada, mantida a rotina institucional: seu foco foi a Síndrome de Privação Afetiva, envolvendo: crianças que haviam ficado com as mães até os três meses; um número pequeno de enfermeiras (uma para cada 8-12 crianças); pouco tempo de atenção, sem troca afetiva, resultando em etapas de um quadro dínico de privação nos bebês: 1ª choramingo; 2ª retraimento; 3ª movimentos contraídos, imobilidade, até desinteresse ambiental, insônia, sendo constatado também que até as relações mãe-criança mais desfavoráveis, em seus lares, eram melhores do que nenhuma. Os “suprimentos emocionais” faltavam nesta Casa, constituindo severa privação, e declínio dínico, configurando dois grupos: o da “depressão anaclítica” e o do “hospitalismo”; o primeiro, de rápida recuperação, a partir de mudanças positivas; o segundo com irreversibilidade na recuperação, sendo a privação, a partir de um período de cinco meses, muito mais grave para um bebê. Referido esta pesquisa, Arantes oferece uma vigorosa ilustração dos graves efeitos do estresse, no caso, sobre bebês muito pequenos.

Na seção 3 (Parte I), Estresse e Trabalho, Arantes destaca que se estendeu ao estresse no campo do tra-

balho, por ser “o campo do fazer humano necessário, do qual muito poucos conseguem escapar”, campo conquistado, mas que traz, ao mesmo tempo, o germe do seu desgaste, a própria organização do trabalho sendo fonte desse desgaste, envolvendo muitas questões, somando-se às condições de trabalho, estas, mais ainda, fonte de adoecimento. De Christophe Dejours (1987) é citada a obra *A loucura do trabalho* sobre aspectos cruciais no trabalho e a “anulação muda e invisível” no comportamento do trabalhador, de livre para estereotipado; também citado é o capítulo “Trabalho e medo”, no qual ele aponta o medo relativo à realidade, exigente de defesas ainda mal conhecidas: nova problemática para a psicopatologia do trabalho lidar. Ainda referida é sua pesquisa com operários, com identificação que fez da estratégia do “não ter medo”, como defesa que permite continuar eles trabalhando, apesar de presenciarem acidentes graves, até fatais, com colegas, e com aparecimento de numerosas alterações: de sono, humor, manifestações musculares, ansiedades. De Dejours é acrescentada a questão da sublimação que o trabalho acaba não proporcionando, havendo, sim, a alienação do trabalhador, submissão gradativa, modos robóticos de funcionar (de aparência “normal”): desprovidos de afeto, de vínculo exagerado com o trabalho (*workaholic*), ou normóticos (“de pensamento operatório”). Sob este prisma, *O mal-estar no trabalho*, de Flávio Carvalho (1998), aborda processos de sofrimento desencadeados, a alienação e a despersonalização que estaria vindo a reboque da massificação, favorecendo a doença normótica. Outros estudos focalizam a carga de trabalho, o desgaste, também sendo apresentada uma listagem feita por Kalimo (1987) – após levantamento bibliográfico – sobre estressores, divididos em categorias.

A seção 4 (Parte I), focaliza a síndrome de *burnout*, termo importado da física (colapso de motores dos jatos e dos foguetes) para as ciências da saúde; por Freudenberg, psiquiatra (1973), designando a manifestação mais radical do estresse: sua fase mais aguda, de esgotamento; comumente chamado colapso nervoso. Um estudioso da síndrome de *burnout* foi a quem bastante destacou: Felton (1998), com citação de seu artigo “Burnout as a clinical entity: its importance in healthcare workers” que resultou das decisões finais de uma grande conferência, em 1985 nos EUA, sobre as dez principais doenças e danos relacionados ao trabalho, a qual estabeleceu estratégias a respeito. Arantes assinala as importantes contribuições de Felton, como sua abordagem das ocupações mais vulneráveis ao *burnout*, entre elas as que trabalham com o público em geral; destes, as que lidam com populações especiais – portadores de doenças graves, comprometimentos sérios; e outras são as ocupações em que há riscos de vida.

A seção 5 (na Parte II), As Funções Orgânicas Diante do Estresse, é trabalhada por Vieira, a qual interroga: “O estresse é uma condição da atualidade?” (p. 113), marcando que o estresse ocorre em qualquer idade, é individual, pois atua na unidade psicossomática, constituindo um conceito abstrato. Sob esta perspectiva ela se refere ao ser vivo ter como con-

dição o estresse, o qual “Se não existisse, talvez nem estivéssemos aqui” (p. 114), acrescentando adiante que as “alterações somáticas cumprem a sua função para manutenção da vida” (p. 120). Mas ressalva que, se as agressões se tornam repetitivas, intensas ou prolongadas, pode haver uma situação de esgotamento de energia. Acompanhando suas observações, que incluem a relação entre insatisfação no trabalho e aparecimento de doenças, Vieira apresenta uma pesquisa que realizou em ambiente de uma empresa, ligada à questão da insatisfação profissional, identificando efeitos de estresse.



**Pra do MCCA (org.). O mosaico da violência: a perversão na vida cotidiana. Rio de Janeiro: Vetor, 2004, 432p.**

Miriam Schenker

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Atenção ao Uso de Drogas/Uerj

O livro, organizado por Maria do Carmo Cintra de Almeida Prado, cumpre uma ousada proposta: dar ouvidos, de acordo com uma abordagem eminentemente psicanalítica, a oito diferentes situações de violência, de lugares que não costumam ser tratados no cotidiano da vida. Os trabalhos apresentados no livro decorrem de experiências de envolvidas por ela e por sua equipe no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e a partir de pesquisas em centros acadêmicos.

O livro se subdivide em oito capítulos sendo que, no primeiro, Maria do Carmo Cintra de Almeida Prado se baseia no conceito de “mosaico” e na “teoria das estranhezas” de Maluf (2002) e em conceitos freudianos para falar sobre a complexidade do fenômeno da violência, ressaltando, nas situações descritas, a conduta equivocada, muitas vezes *perversa*, de profissionais que atuam em casos de abuso sexual.

No segundo capítulo, Susana Engelhard Nogueira e Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá apresentam alguns impasses e desafios para o atendimento de crianças vítimas de abuso sexual a partir da complexa descrição de dois casos clínicos. As autoras conceituam, com textualizam e estudam as conseqüências psíquicas do “abuso sexual infantil” com o intuito de compreender tanto o que se passa no psiquismo das pessoas envolvidas na situação de abuso quanto como a criança sobrevive a ele. Objetivam, por meio da psicoterapia psicanalítica, conferir importância à palavra da criança vítima do abuso sexual que, dessa forma, se torna legitimada, pelo adulto, como autora de sua história.

“Mães que choram”, título do quarto capítulo, é de autoria de Márcia Ferreira Amendola, e nos introduz àquelas mães que, horrorizadas e traumatizadas, tomam consciência da sexualidade perversa de seus

Vemos, nesta publicação, alguns pontos principais: oferecer informações gerais a respeito do tema, sobre um fundo panorâmico; situar a compreensão do estresse como resultado de um processo e passível de prevenção; buscar algum nível de articulação entre o campo psicanalítico e o campo mais amplo de outros estudos; discutir, até certo ponto, a temática, inclusive, na extensão ao campo do trabalho: pela dimensão que este tem na vida humana. De uma maneira geral, entendemos que tenha sido alcançada a proposta deste trabalho, que seria ainda mais efetiva com menor compactação (devido à multiplicidade quanto ao tema/estresse), constituindo este livro, a nosso ver, uma leitura oportuna.

filhos, construída na relação com os pais/parceiros. “Despertam”, com enorme angústia e sofrimento, através do trabalho terapêutico, e buscam modificar o contexto propiciador do abuso, denunciando as práticas de violência sofridas pelos filhos. Por isso, são chamadas de “mães pro tetoras”. Márcia discute o perfil psicológico dessas mães, apresentando uma hipótese diagnóstica. Alerta, também, para a posição dedicada do psicólogo que atua em casos de suspeita de abuso sexual infantil, chamando a atenção para a necessidade de uma tomada de posição ética e justa por parte desse profissional, para esses casos.

Com base em uma releitura da “teoria das estranhezas” de Maluf, e das perversões, de acordo com uma visão psicanalítica, Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá aborda, no quarto capítulo, “O estranho, a perversão e a criança”. Ela ressalta, também, a desqualificação e o terrorismo que os adultos perpetradores de abuso sexual infantil fazem contra essas crianças, como uma forma de impedi-las de revelar o trauma sofrido.

Valéria Castro Chagas de Azevedo nos brinda com o quinto capítulo, intitulado “Gravidez soropositiva”. Refere, a partir da descrição do atendimento psicológico a quatro mulheres grávidas e portadoras do HIV, a necessidade de uma equipe interdisciplinar treinada para o amparo a este grupo de risco. Ressalta o estigma social e o temor, a ambos existentes entre os profissionais de saúde que lidam com essa questão. E também na maioria das pacientes que participam do grupo de acolhimento terapêutico do ambulatório de um hospital público universitário, onde os atendimentos foram realizados.

No sexto capítulo, Maria de Fátima Leite-Ferreira e Maria do Carmo Cintra de Almeida Prado trazem à luz as “Vítimas do silêncio: violência familiar e homossexualidade”. Com base nos relatos de uma pesquisa de Leite-Ferreira (2001) acerca de 30 casais homossexuais em situação estável de coabitação há mais de dois anos, as autoras destacam a influência que a violência intra-familiar, explícita ou velada da família de origem, pode ter para a organização da identidade de gênero. A contextualização da homossexualidade à luz de conceitos da psiquiatria e da psicanálise, ao longo da história, a dinâmica familiar